



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

OS MELHORES DIAS E OS PIORES MESES
como transformar um *blog* em um livro

Guilherme Bernardo

Sheila Louzada

Rio de Janeiro
2008

GUILHERME BERNARDO

SHEILA LOUZADA

OS MELHORES DIAS E OS PIORES MESES

Monografia de conclusão de curso apresentada na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Produção Editorial.

Orientador: Prof^{or}. Paulo César Castro

Rio de Janeiro / RJ
2008

**Guilherme Bernardo Fernandes Vieira
Sheila Louzada de Sena**

OS MELHORES DIAS E OS PIORES MESES

Monografia submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Produção Editorial.

BANCA EXAMINADORA

Profº Paulo César Castro de Souza (orientador)

Profª Drª Maura Ribeiro Sardinha

Profª Nathalie Braga

Aprovada em __/__/____

Nota: _____

BERNARDO, Guilherme; LOUZADA , Sheila

Os melhores dias e os piores meses / Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2008.

50 f.: il.

Monografia (Graduação em Comunicação Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação).

Orientador: Paulo César Castro de Souza

1. Editoração. 2. Blog. 3. Internet. I. Souza, Paulo César Castro de (Orient.).

II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. III. Título.

BERNARDO, Guilherme; LOUZADA, Sheila. *Os melhores dias e os piores meses: como transformar um blog em um livro*. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2007. Monografia (Graduação em Produção Editorial). 50 f. il.

RESUMO

Esta monografia objetiva pôr em análise a prática editorial vista por um ângulo muito específico, e ainda muito recente no mercado nacional: a produção literária proveniente dos *blogs*, ou diários virtuais. A partir do conteúdo de um desses diários eletrônicos, selecionado mediante o estabelecimento de um conceito para o produto a ser fabricado nessa prática, são definidos os demais processos da cadeia produtiva do livro, da preparação dos originais ao arquivo final no formato PDF e posterior impressão. Essas etapas não são pré-definidas como um fato pronto, e o propósito é desvendar o ato criativo por trás da produção do livro e buscar soluções para essa nova forma de literatura nascente, que não deve dominar a anterior mas que não deve ser menosprezada.

Palavras-chave: literatura, blog, internet, editoração, comunicação social.

BERNARDO, Guilherme; LOUZADA, Sheila. *The best days and the worse months*: How to make up a book from a blog. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2008. Final Paper (Publishing University Graduation). 50 p. ill.

ABSTRACT

The current final paper aims to shed light on a especially recent publishing practice—the issue of the so-called blook, blogs that have been compiled into actual books, on the Brazilian market. Through the contents of one of these personal online diaries, selected as the product concept is then defined, the following procedures of the book production are established as well, from manuscript preparation to PDF file and printing. The traditional publishing methods should not be taken for granted, for blogs may represent a new genre of literature, one that does not supplant its existing forms, nor shall it be underestimated. The purpose is to unveil the creation process of standard books and try to find creative solutions in order to properly adapt online content into one that is printed in paper.

Palavras-chave: **literature, weblog, internet, publishing, social communication.**

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO,	8
2	<i>BLOG</i> , UM GÊNERO LITERÁRIO?,	14
2.1	Como funciona,	14
2.2	História da vida privada,	17
2.3	O espetáculo da intimidade,	19
2.4	Afinal: gênero literário?,	21
3	O PROCESSO DE EDIÇÃO,	24
3.1	Edição das biografias tradicionais,	24
3.2	Edição dos diários virtuais,	26
3.3	O livro publicado,	28
4	A PRODUÇÃO DO <i>BLOOK</i> ,	29
4.1	Escolhas técnicas,	29
4.2	Tabela de custos,	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS,	32
	REFERÊNCIAS,	33
	APÊNDICES	
I	Texto de orelha de <i>Vacaciones</i> ,	34
II	Artes de capa e de miolo de <i>Vacaciones</i> ,	35
III	Como conheci Ana Paula Barbi,	45
IV	Entrevista com Ana Paula Barbi,	47
V	Alguns <i>blogs</i> lançados como livros no Brasil,	50

1 INTRODUÇÃO

O uso doméstico dos computadores e, principalmente, da *internet* propiciou a adaptação de um antigo acessório individual: o diário pessoal, por razões que veremos mais adiante, saltou para dentro da tela de nossos monitores e adquiriu um novo status sócio-cultural. Com efeito, o que chamamos comumente de *blog* pode muito bem passar por símbolo da cultura contemporânea, marcada pela espetacularização da intimidade alheia, fenômeno este que, além do mundo virtual, contagiou também outros canais midiáticos.

São atrações que conhecemos bem — programas televisivos como o Big Brother Brasil; *best-sellers* biográficos ou autobiográficos; campanhas eleitorais marcadas pelo tom populista dos candidatos; ou as chamadas revistas de fofoca, entre muitos outros. Em diferentes graus, tais veículos informativos trazem consigo uma tendência da cultura ocidental de lançar seus holofotes sobre determinadas personalidades (famosas ou não) e criar formas de identificação com potenciais consumidores.

Nesse sentido, e tendo em conta nossa área de produção editorial, trazemos o **objetivo** primeiro de realizar uma prática de produção do livro cujo material seja originado de um desses milhões de *blogs* existentes na atualidade e examinar de que maneiras podemos respeitar as suas qualidades de estilo e suporte, e o que deve ser adaptado para uma melhor legibilidade do livro impresso. É importante deixar claro, entretanto, que o processo que visamos reproduzir neste caso se limita, infelizmente, até a etapa de produção do livro, uma vez que tarefas como a de *marketing*, divulgação, distribuição e venda do mesmo demandam conhecimentos que fogem ao nosso alcance teórico e prático. Um exercício de tal abrangência exige o porte de uma verdadeira editora.

É ainda de nosso interesse examinar a história por trás do fenômeno da espetacularização da intimidade, embora em segundo plano, mas nem por isso de forma descomprometida. E também entender a relação do autor de um diário íntimo virtual com sua criação literária (se pudermos chamá-la assim) e seus possíveis leitores.

Para realizar esta prática, escolhemos um diário virtual relativamente conhecido em alguns círculos jovens: o *blog* da brasileira Ana Paula Barbi, na *internet* desde 2004, narrando sua

vida em episódios esporádicos de uma forma muito característica e bem-humorada.¹ Seu texto nos interessa porque: é bom; é bem escrito; é cheio de referências atuais; é dinâmico, divertido e interessante; por fim, é um típico representante da geração de “blogueiros” que escreve de forma confessional, como nos diários tradicionais. O livro a ser produzido se chama *Vacaciones* e compila o cotidiano da autora pelos diversos lugares por que passou, tentando se adaptar, se estabelecer e sobreviver (e, por que não, rir um pouco de si mesma).

Para além disso, acreditamos ser útil um exercício prático e teórico sobre a produção do livro em circunstâncias tão atuais; como dissemos acima, a importância do gênero biográfico nos últimos anos vem se refletindo em suas vendas, mas é fato que, seja por razões estratégicas, seja por algum fator de aceitação do público, poucos blogueiros fazem algum sucesso ao serem lançados no mercado editorial (a referência mais corriqueira é *O doce veneno do escorpião*, livro de estréia de Raquel Pacheco, a Bruna Surfistinha).

O lançamento de livros a partir de *blogs* é uma prática muito recente, até porque é também recente a invenção dos próprios *blogs*. Isso nos dá uma valiosa oportunidade de analisar o que pode ser retrabalhado em sua produção, ou ao menos mostrar um caminho possível, na condição de estudantes inseridos no mercado de trabalho das editoras brasileiras.

Ao produzir este livro, seguiremos os procedimentos básicos da publicação de obras nacionais:

- contato contínuo com a autora — ela é de fato a nossa principal cliente. Isso significa que, se de fato valorizamos o seu produto, a sua satisfação vem primeiro. Não implica fechar os olhos para a lógica de produção e venda, mas saber considerar suas opiniões e chegar a um consenso;
- preparação de originais — a busca pelo sentido do texto, sua coerência e sua concatenação dentro de uma ordem a ser percebida pelo profissional, a partir da própria obra ou de fontes críticas exteriores;
- estudo de visual gráfico de miolo e capa — a formulação do projeto de capa requer algum domínio de ferramentas como *softwares* de tratamento de imagens, diagramação e fechamento de arquivo para impressão, mas também a capacidade de representar o conteúdo de uma obra utilizando-se de criatividade e

¹ O curioso sobre a autora é que ela e alguns amigos escrevem num outro *blog*, especializado em comentar acidamente a vida “pública” de celebridades da mídia nacional e internacional. O cultuado *site* se chama “Te dou um dado?” (tedouumdado.blogspot.com) e é atualizado regularmente.

conhecimentos acerca da história do *design*. Em geral mais de uma proposta é apresentada para um mesmo projeto, de forma a cobrir um espectro maior de opções e tornar possível uma escolha mais consciente do tema e do público leitor que se quer atingir. Mais uma vez, também é importante o parecer da autora sobre este assunto;

- diagramação — a função do designer diagramador, neste projeto, será a de fornecer as bases formais e estéticas de apreensão e legibilidade do texto; assim, não se trata apenas de uma tarefa superficial, uma vez que a própria forma também constitui a mensagem. O diagramador necessariamente trará discussão com o responsável pelo planejamento de custos a fim de determinar possíveis alterações no projeto original, uma vez que tais mudanças podem acarretar conseqüentes acréscimos no custo de impressão. Deverá, ainda, observar as propriedades do texto e as indicações prévias do tradutor ou do copidesque, para assim demarcar visualmente o espaço entre capítulos e subcapítulos, por exemplo, ou breves interrupções narrativas etc. A padronização de estilos sobre o texto também será sua responsabilidade (bem como a numeração e a aplicação de cabeços, se preciso for), de modo a garantir sua repetibilidade no decorrer do impresso e facilitar a identificação por parte do leitor dos elementos básicos constituintes da obra. Finalmente, o diagramador fica encarregado de organizar os elementos pré-textuais, cujos textos serão fornecidos pelo editor, bem como inserir as devidas emendas a partir da avaliação do revisor e fechar o arquivo para enviá-lo à gráfica para subseqüente impressão;
- revisão — constitui processo de apreensão de falhas tipográficas (gralhas) remanescentes no texto, agora já devidamente diagramado, constituindo também tarefa do revisor buscar eventuais erros de diagramação, como má divisão silábica (produzida, em geral, por *softwares* de diagramação que estejam utilizando dicionários de outras línguas), o surgimento de caixotes (repetição de agrupamentos de letras nos cantos de duas ou mais linhas), mais de três hifenizações seguidas, linhas órfãs ou viúvas, cabeços incorretos ou discrepantes em relação ao que indica o sumário, a presença indevida do número de página em determinados locais (como folhas em branco, folha de rosto, colofão etc.). O

revisor verifica ainda a padronização de topônimos e antropônimos, procura por espaços duplos, a utilização adequada do hífen e do travessão... Basicamente, o revisor fica encarregado de conferir se as etapas anteriores foram plenamente cumpridas;

- confecção de textos para quarta capa e possíveis orelhas — requer atenção especial ao público-alvo a ser atingido. A abordagem deve centrar-se em passar informações gerais e potencialmente interessantes acerca da obra, do tema ou do autor, de forma que o leitor seja, de forma efetiva, levado a comprá-lo. É necessário encontrar um atrativo na obra, algo que desperte uma necessidade intelectual, recreativa, curativa etc. em seu consumidor potencial. Estão envolvidas aí técnicas de persuasão típicas da publicidade e da oratória, e a sua conjugação com a arte da capa é de essencial importância, bem como a prévia leitura do conteúdo da obra, mesmo que superficial ou pontual;
- orçamento de custos gráficos — o montante necessário para a confecção do impresso a partir da pesquisa de preços (a) de formatos e tipos de papel, determinando, ainda, qual o mais adequado ao projeto; (b) de impressão, a partir do número de laudas do livro, bem como o número de cores e cadernos necessários para “fechá-lo”. A formatação do texto (corpo, entrelinha) e da mancha gráfica possui papel imprescindível para tal cálculo, de forma a alterar a quantidade necessária de páginas a serem impressas. Ocorrerá ainda nessa etapa a busca por gráficas que forneçam os melhores preços de acordo com os benefícios que proporcionarem;
- acompanhamento da impressão em gráfica.

Cabe ainda ressaltar que em verdade seremos nós os responsáveis por todas as etapas supracitadas, o que concentra o trabalho, mas torna a comunicação mais simples. A única fase do ciclo de produção a ser terceirizada é a impressão em gráfica. Seremos então, em termos práticos, editores, produtores e colaboradores deste projeto.

É tarefa do editor contemporâneo normalizar o texto que compõe o livro e coordenar tal processo, fornecer e repassar os padrões utilizados pela empresa em que trabalha, seguindo, estipulando e repassando prazos e metas de produção por etapas. A pergunta crucial, entretanto,

seria até que ponto deve agir o processo de editoração sobre um original, especialmente se este original provém de um meio como a *internet*. Logicamente, tal indagação abarcaria também as atividades dos revisores, copidesques e designers, mas sem dúvida é o editor o encarregado principal de perceber e divulgar os limites toleráveis para uma boa normalização.

Segundo ARAÚJO (1986, p. 56), “os maiores dilemas se colocam quando se trata de obra literária, em que se buscam propositalmente as fissuras da linguagem”. Nesse caso, a menor alteração poderia provocar a perda do que poderia mesmo ser a chave para o entendimento de uma passagem no texto.

Como não existe criteriosamente um padrão normativo global e definitivo, certamente o uso do bom senso e do diálogo constante e cuidadoso com a autora, se possível, constituem ferramentas poderosas a fim de satisfazer ambas as partes. As decisões são tomadas a partir da forma como trabalham: as editoras, instituições particulares que fornecem o que ARAÚJO (1986, p. 56) chama de “normalização empírica”; e os centros de normalização, que provêm a “normalização teórica”, como a ISO, instituição que abriga inclusive a ABNT.

Caberá ao preparador de originais, então, adotar tal ou qual padrão, oscilando entre os prováveis empecilhos e empregando adaptações, uma vez que nenhum sistema é hermético e imune a imprevistos.

O **segundo** e **terceiro** capítulos discutem a emergência do *blog* nos meios de comunicação, as possibilidades que ele encerra (sejam estilísticas ou mesmo políticas) e a pertinência de seu conteúdo enquanto material literário e produto de consumo. Vamos investigar o que ocorre com os hábitos de leitura durante a passagem do meio impresso para o eletrônico, o que isso implica para a produção de textos na *internet* e a importância da memória e do registro que se refletem nesses hábitos.

A partir de ALVES (2003), pudemos constatar que a melhor **metodologia** para esta execução será o plano de pesquisa de tipo bibliográfico, centrando o foco sobre fontes já elaboradas, como os livros e artigos científicos, suficientes por sua incrível abrangência ao dialogar com tantos outros autores importantes, como Virginia Woolf e Foucault, acumulando experiências e pontos de vista confiáveis.

O **quarto capítulo** dedica-se a relacionar nossas escolhas técnicas de produção do livro a público-alvo, formato, macha gráfica, papel e seus respectivos custos. Será um capítulo mais

prático, portanto; mas todas as considerações dos capítulos anteriores devem ser necessariamente relevadas para o funcionamento deste processo.

Ainda que a linguagem acadêmica deva ser clara, objetiva, direta, impessoal e atemporal, utilizando o presente histórico, neste trabalho é feita a opção pelo uso da primeira pessoa do plural, para enfatizar o fato de este ter sido elaborado em dupla.

Parte integrante deste trabalho é o exemplar aqui anexado: o livro *Vacaciones*, por nós produzido.

2 *BLOG*, UM GÊNERO LITERÁRIO?

Primeiramente, vejamos o que entendemos pelo termo *blog*. Este é, em verdade, uma abreviação de *weblog*, onde *web* (*internet*) e *log* (diário de bordo). Quando utilizada de forma confessional,² a página funciona de maneira semelhante a um diário íntimo comum, no sentido de que ali o autor relata episódios relevantes de sua vida.

Assim como ocorre com o diário, a autobiografia, a memória e outros escritos afins, também se questiona se o *blog* representa um gênero literário ou apenas uma manifestação cultural. De acordo com SCHITTINE (2004, p. 9), “a autobiografia, da qual o diário é descendente direto, foi considerada durante muito tempo um ‘gênero menor’, bastante distante do ‘poder de criação’ atribuído ao romance.” O tipo confessional de *blog* sofre com o preconceito mesmo na *internet*. SCHITTINE (*op. cit.*) revela que, em alguns círculos blogueiros, a classificação do *blog* como confessional é quase um insulto, pois o falar apenas de si próprio é considerada uma forma de narcisismo.

Que espécie de narcisismo seria esse? Investigar as propriedades do *blog* e entender sua história cultural nos ajudará a posicionar o livro de Ana Paula Barbi enquanto produto editorial.

2.1 Como funciona

Existe um pequeno conjunto de diferenças básicas entre os blogs e os diários íntimos tradicionais, características que remetem ao suporte em que são escritos e a posição do autor diante de sua criação.

Afirma SCHITTINE em seu livro *Blog* (2004, p. 12): “O diário na *internet* vem assumir o pecado da vaidade no escrito íntimo.” Em comum entre os diários tradicional e virtual, portanto, temos a questão da memória, “a necessidade de anotar as decisões do presente para ver como influenciariam o futuro” (*op. cit.*, p. 137), o olhar para trás e reconstituir os fatos. Mas a memória virtual é muito mais ampla que a do diário em papel. Em compensação, o distanciamento do autor com sua criação é maior. (Para onde vão as postagens? E que garantia se tem de que no futuro continuarão disponíveis?)

² Vale lembrar que existem tantas utilidades para um *blog* quanto suas possibilidades criativas. De fato, há *blogs* confessionais, mas também jornalísticos, cômicos, artísticos, puramente ficcionais etc.

A memória virtual tem ainda outra implicação. Sua interface é limpa (sem rasuras³) e impessoal (sem caligrafia; o que pode variar são as fontes utilizadas), enquanto no diário tradicional a marca do autor é mais evidente pela caligrafia e pelas rasuras, anotações marginais e desenhos.

No diário virtual⁴, as postagens estão disponíveis para a alteração ou mesmo a remoção pelo autor, de forma que se perde a passagem do tempo sobre aquele escrito. Como diz SCHITTINE (2004, p. 139), “o texto nunca encontra uma chance de manter seu estado original”, a não ser que seja essa a intenção do autor.

Mas a diferença fundamental entre os dois escritos é que o autor dos *blogs* escreve diretamente para um público (em geral, um público de estranhos), ou melhor, ele espera ser lido num futuro muito mais próximo que o diarista tradicional. Isso causa uma transformação na própria escrita do autor. Embora ambos tenham a esperança de serem lidos, as possibilidades de que isso ocorra primeiro com o *blog* são muito mais reais do que no caso do antigo diário.

Assim, há determinados assuntos, determinados detalhes ou episódios que o autor não postará em seu *blog*, porque agora há o olhar do outro. Segundo SCHITTINE (*op. cit.*, p. 19), esse escrito “supõe um público e uma relação com ele, uma relação que escapa das exigências do face a face, mas que exige também confiança”. Ao analisar as postagens de um blog, o leitor tem a oportunidade de comentar e contribuir para o desenrolar daquele assunto, dando sua opinião, concordando, interagindo.

Tal relação inexistia no diário tradicional. Segundo SCHITTINE (*op. cit.*, p. 32), “durante muito tempo o diário foi um marco da defesa da intimidade do indivíduo, de seu espaço privado”. Hoje, como veremos a seguir, o diário representa a defesa da individualidade, bem como o seu reconhecimento pelos leitores.

Como vivemos na era da informação, em que somos diariamente bombardeados por notícias e precisamos priorizar nossas atividades, a linguagem do *blog* também passa por uma adaptação (embora haja exceções): SCHITTINE (*op. cit.*) nos explica que os *posts* (postagens)

³ Curiosamente, Ana Paula Barbi utiliza, tanto em seu *blog* atual quanto no coletivo “Te dou um dado?”, um recurso tipográfico que poderia ser classificado como rasura: o texto tachado (com um risco no meio) é trabalhado de forma estilística pela autora. Ainda assim, o recurso é proposital, utilizado para humor, ao contrário das rasuras que são feitas nos diários tradicionais e que representam correções do autor, informações que ou ele gostaria de não ter escrito, ou que deviam ter sido escritas de outra maneira.

⁴ Vale lembrar que é perfeitamente possível inserir informações idênticas às de um *blog* em *sites* que não pertençam a domínios como o BliG, Weblogger, Blogger e tantos outros; entretanto, estes portais fornecem a seus usuários ferramentas práticas, rápidas e extremamente eficientes voltadas para a criação dos *blogs*, que fazem com que eles só precisem se preocupar com o que vão escrever ou, na melhor das hipóteses, com a aparência do diário virtual.

são textos concisos, diretos e “informais” (no sentido de que não são rebuscados; mas é também verdade que a informalidade propriamente dita pode ser utilizada dependendo do autor, da intencionalidade e do público), uma técnica que muito se assemelha ao jornalismo e que objetiva não cansar o leitor, ou melhor, conquistar o público. Como diz a própria autora (*op. cit.*, p. 23), essas são as “marcas de uma nova maneira de escrever sobre si próprio, mas ao mesmo tempo comunicando o outro”.

Um outro recurso é utilizado nos *blogs* e que ajuda o autor a criar um vínculo com seus leitores (e, talvez, consigo próprio): os *links*, em geral posicionados nas margens das páginas ou em destaque nos textos, remetem (com um só clique do *mouse*) a outros endereços eletrônicos que sejam do interesse do autor explicitar. Em geral remontam a assuntos relacionados àqueles que o diarista vinha tratando em seu *post*. Resumidos em apenas um endereço “colado” à página do diarista, os *links* economizam um enorme espaço que, de outro modo, seria destinado a abarcar todo aquele conteúdo extra-informativo (e essa, como vimos, não é uma estratégia muito boa para capturar um potencial leitor). A vantagem maior dos *links*, segundo SCHITTINE (*op. cit.*, p. 141), é que dessa forma o leitor “pode acompanhar a trilha reflexiva de quem escreveu o texto”, possibilitando uma maior identificação com esse autor.

E por que as pessoas teriam qualquer interesse na vida alheia? Por vezes, o diarista possui uma informação que seu público deseja, um novo ponto de vista ou simplesmente alguém para se identificarem. Explica SCHITTINE (2004) que, como a intenção do blogueiro é conquistar seu público, por vezes ele se preocupa com as necessidades dos leitores e expande o assunto para um interesse mais geral, dando uma visão particular para determinado episódio. Nesse sentido, aproxima-se o *blog* da crônica ou da coluna de jornal, marcado pela rapidez na disponibilidade da informação e no caráter pessoal da fonte.

A seguir, vamos investigar a transformação dos indivíduos dos tempos modernos para a contemporaneidade para entender a dinâmica por trás da dicotomia entre as vidas pública e privada. Que relação elas teriam com os *blogs*?

2.2 História da vida privada

É realmente curioso o fato de que valores como o individualismo e o narcisismo, antes apregoados pela burguesia dos tempos modernos, tenham se voltado em direções imprevistas atualmente.

Vale lembrar que, nos primórdios da Idade Moderna, o espaço social se configura de maneira diversa da que hoje conhecemos: o espaço público mistura-se ao privado pela valorização de indivíduos ou linhagens de acordo com seus feitos ou desventuras (ou o que se sabe sobre eles). “Às vezes”, afirma SCHITTINE (2004, p. 47), “os fatos referentes a uma determinada pessoa eram analisados antes que ela fosse apresentada às outras”.

Com o crescimento das cidades e o aumento da concentração de pessoas (que viriam a se tornar meros “estranhos”), a valoração do comportamento alheio se dá pela imitação (quase uma atuação) daquilo que se acreditava ser uma conduta adequada e verossímil. Ou, de acordo com SCHITTINE (*op. cit.*, p. 48), “um comportamento social tendo em vista a reação do outro”.

No século XIX a definição dos espaços público e privado começa a se delinear. Este passa a receber maior importância do que aquele, como uma defesa ao *voyerismo* alheio, uma busca pela privacidade, para se resguardar de todos aqueles estranhos com quem se convive nas grandes cidades de então. A escola de Frankfurt percebe que o principal refúgio adotado pela burguesia é a família, especialmente o núcleo familiar. SCHITTINE (*op. cit.*, p. 51) aponta que suas casas sentiam rapidamente essas mudanças: a compartimentalização em cômodos, separando inclusive espaços próprios para as visitas (como a sala de estar, ou de visitas).

Se hoje o surgimento dos *lofts* vem interligar esses cômodos, por outro lado isso significa apenas que o espaço privado mais uma vez se desloca. Mas, primeiro, é necessário dizer que a conservação da vida privada passa a ser experimentada mesmo entre os membros da família. Estes prezam por seus respectivos espaços individuais para desfrutar de alguma privacidade e fugir de uma vigilância que, desta vez é familiar.

O aumento do conforto material proporcionado pela tecnologia também é um dos fatores que impulsionam a importância do individualismo nos últimos séculos. Como bem coloca SCHITTINE (2004, p. 55), “o isolamento físico foi reforçado com a chegada dos aparelhos eletrônicos”. A própria disputa pelo controle da televisão é uma marca da divergência de

interesses dentro da própria família. “Cada um queria se sentir sozinho em casa”, continua a autora (*ibidem*), “criar um mundo particular”.

Quando o computador é viabilizado para o uso doméstico, tem-se que apenas uma pessoa pode utilizá-lo por vez, e isso dificultou ainda mais a interação familiar. O indivíduo vai se fechando cada vez mais em seu quarto, em frente à tela de seu computador, onde encontra um mundo virtual em que pode conservar seus próprios pertences (arquivos, informações etc.) sem a intromissão de ninguém. SIBILIA (2008), entretanto, destaca que, apesar de ocorrer esse movimento de privatização individual, por outro lado o indivíduo não se refugia em sua interioridade, não entra em contato com ela.

Simultaneamente, o movimento contrário opera quando a rotina de trabalho toma todo o tempo do indivíduo, que é levado a começar a compartilhar sua vida com os colegas de trabalho, por exemplo (levando a esfera privada para a pública). Como evidencia SCHITTINE (2004, p. 57), “estar em seu próprio carro no trajeto para o trabalho ou com o *walkman* num meio de transporte público eram maneiras de prolongar o tempo privado”.

Em seu livro *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*, a jornalista Denise Schittine aposta na utilização dos *blogs* como uma maneira de o indivíduo desdobrar o tempo para conseguir se dedicar aos próprios interesses, enquanto cumpre as suas obrigações sociais.

Nos *blogs*, os destinatários são reais, mas fisicamente distantes do autor, não influenciando em sua vida real. Conforme afirma Philippe Lejeune (*apud* SCHITTINE, 2004, p. 58), “criam um compromisso prazeroso, uma sociabilidade segura, que nós fazemos sozinhos, desembaraçados de nossos corpos e de nosso ser social, expondo apenas o lado de nós mesmos que queremos mostrar”.

“Queremos mostrar”? Ao que parece, toda aquela reserva que os indivíduos sentiam ao quererem salvaguardar sua vida privada diz mais respeito àquilo que desejavam revelar do que a se tornarem completos anônimos. E isso nos remete à questão do segredo.

Nos diz SCHITTINE (2004, p. 76) que o diário íntimo, virtual ou não, “reflete também as inquietações dos homens de uma época”. Essa é uma das primeiras pistas para entender por que dar crédito às produções originárias de um *blog*. O indivíduo que posta em um *blog* não é um

membro totalmente isolado da sociedade; suas opiniões e inquietudes encontrarão possíveis ecos de identificação em outras páginas da *internet*.⁵

O segredo nos leva quase automaticamente à questão da curiosidade pela vida alheia.

2.3 O espetáculo da intimidade⁶

Eis aqui um vislumbre dos efeitos da chamada sociedade do espetáculo, marcada pela importância da imagem sobre a cultura (imagem que se tem do mundo, dos outros e de si próprio), especialmente agora, com os avanços tecnológicos dos meios de comunicação e o advento da *internet*.

Para SIBILIA (2008), a publicização do privado é a outra face da privatização da vida pública. Ao se enclausurar em seu quarto e se envolver no mundo virtual, o indivíduo perderia referências de construção da sua própria personalidade não fosse o fato de encontrar, na rede, outras pessoas como ele, anônimas porque distantes fisicamente, porém conhecidas por partilharem de forma descompromissada perfis que constroem virtualmente uma imagem de si próprias. E isso também ocorre em outros meios de comunicação, como a TV, as revistas e os livros.

Para ganharem visibilidade e serem ouvidas no meio virtual, as pessoas precisam atrair seus leitores de alguma forma. (É verdade que a própria busca pela identificação atrai os leitores; mas como encontrar o *blog* certo?⁷) Os diários virtuais dependem de uma postagem fielmente constante e de assuntos que venham efetivamente a interessar ao leitor. Uma das formas de despertar interesse é compartilhando pequenos segredos, descobertos no dia-a-dia do diarista. E a *internet* é o ambiente ideal por estabelecer distâncias seguras para ambas as partes e ainda alguma cumplicidade.

⁵ O *blog* americano Post Secret, por exemplo, dedica-se a postar cartões anônimos que contêm uma revelação em forma de arte sobre seus remetentes. Ao visitar fóruns e comunidades fãs da página, sempre se pode encontrar o comentário de um visitante que percebeu que já havia passado por uma situação semelhante. O endereço é postsecret.blogspot.com. O *site* é atualizado dominicalmente.

⁶ Cabe dizer aqui que a fonte utilizada para esta subseção específica é *O show do eu*, de Paula Sibilialia, professora de Comunicação Social da UFF. Desta obra extraímos informações preciosas acerca das características culturais de nossa sociedade na era contemporânea. Infelizmente, o livro, a ser lançado este ano pela editora Nova Fronteira, ainda se encontra em fase de prelo (mesmo o seu título é provisório). Assim, a tarefa de localização das páginas para citações é um trabalho por enquanto inviável, já que o texto, neste momento, não foi sequer diagramado.

⁷ “O grande desafio do diarista virtual é conseguir se sobressair num ambiente em que a mesma possibilidade é dada a todos.” (SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 149.)

Realmente, a participação dos internautas para a produção de conteúdo virtual (em textos, fotos e vídeos publicados) tem valido a esse fenômeno o fato de que essas pessoas estão de fato transformando a era da informação em que vivemos. Segundo SCHITTINE (2004), com todo o volume de informação que gira em torno de nós, ao não conseguirmos absorver tudo, receamos que nossa memória não dê conta sequer dos fatos de nossas próprias vidas, e então, como diz o filósofo alemão Andréas Huyssen (*apud* SCHITTINE, *op. cit.*), buscamos ferramentas de “automusealização”. E tais ferramentas possuem uma capacidade de armazenamento aparentemente ilimitada para esse propósito (até porque os *sites* que dispõem de maior quantidade de informação só têm a ganhar nas atuais circunstâncias⁸).

Essa inautida explosão de criatividade tem forte vínculo com a “democratização” dos canais midiáticos via *web*. Somente dessa maneira a liberdade de expressão encontrou força para se expandir de uma forma que até usuários do outro lado do mundo poderiam ler os conteúdos que as pessoas deste hemisfério produzem (qualquer pessoa, qualquer conteúdo, a qualquer momento).

Mas há dois problemas aqui, de acordo com SIBILIA (2008): o fator do consumismo e a já conhecida exclusão digital.

De um lado, todo o conteúdo produzido *online* (passível de uma constante onda de incitação cultural para a sua renovação) é instantaneamente convertido em cópias e mais cópias descartáveis do mesmo material. Esse insistente estímulo da exposição da banalidade, afinal, termina por gerar, em grande parte, aquilo que já se tinha no começo, como um reconforto ao se constatar a mediocridade em si próprio e nos outros.⁹

De outro lado, a idéia de que todas as pessoas têm acesso a essas informações virtuais é mera ilusão. Para se ter uma idéia, no PNAD de 2005, o IBGE contabilizou 32,1 milhões de usuários da *internet* no país¹⁰. Apesar de este número ter alcançado a marca de 60 milhões de

⁸ De fato, dispor de informação é uma grande vantagem. Pode-se ter informação sobre: potenciais clientes e seus hábitos de consumo; empresas e outras organizações; notícias de guerra e furos de reportagem; conhecimento científico; etc. Um livro sobre como os blogs disputam a hegemonia da informação com outros meios de comunicação é da autoria de Hugh Hewitt: *Blog: entenda a revolução que vai mudar seu mundo* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007).

⁹ Pensando bem, as fórmulas de todas as novelas e *reality-shows* baseiam-se na repetição (por vezes disfarçada, mas em muitas outras declarada) de uma fórmula que simplesmente compra o seu público, acostumado e acomodado ao já conhecido. Essa repetição auxilia, segundo Sibilía (2008), a desenvolver os processos de “construção do eu”.

¹⁰ Fonte: “IBGE divulga pesquisa sobre acesso à internet”, matéria do *site* [inclusaodigital.gov.br](http://www.inclusaodigital.gov.br), do dia 23 de março de 2007 (<http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/noticia/ibge-divulga-pesquisa-sobre-acesso-a-internet/>). Último acesso: 10 de junho de 2008.

internautas¹¹, ainda são minoria diante dos 186,8 milhões de brasileiros. O fato de que possam ter acesso aos outros meios de comunicação lhes dá apenas uma face da era da informação atual, onde participam apenas como espectadores; a *internet* abre o campo também para a produção, a interação e a disponibilidade de novas informações que as outras mídias nem sempre abarcam.

Como explica SIBILIA (2008), a “revolução da Web 2.0” marca uma nova etapa de desenvolvimento da *internet*; se a antiga geração de *sites* “pontocom” procurava vender coisas, a nova *internet* dá as ferramentas para que seus usuários sejam co-desenvolvedores, ajudá-las a partilhar idéias e informação por meio das redes de relacionamento. É o velho slogan do “faça você mesmo” com o “mostre-se como for” dos tempos atuais.

2.4 Afinal: gênero literário?

Agora que temos as linhas gerais de desenvolvimento e funcionamento dos blogs, é necessário desvendar em que medida se pode considerar o diário íntimo virtual como o representante de um novo gênero literário.

Independentemente da conclusão que chegemos, entretanto, vale ressaltar que, enquanto produto, o *blog* que se torna livro possui boas chances de venda se adotadas as estratégias corretas sobre que tipo de pessoa estará sendo exposta a determinado público consumidor, o conteúdo do *blog*¹² e as estratégias de edição, lançamento e distribuição do livro. Gênero literário ou não, o fato é que o consumo de materiais que tornam visível a intimidade de uma personalidade está em alta no mercado atual, alimentado pela curiosidade e pela busca de identificação.

Discutir se os *blogs* seriam ou não gêneros literários pareceria cair por terra, dada essa suposta irrelevância em termos comerciais. Todavia, uma vez que os *blogs* confessionais já carregam um estigma de “texto de menor qualidade” oriundo das tradicionais autobiografias. Assim, ousar provar ser o diário íntimo virtual um gênero literário pode mesmo vir a atribuir uma

¹¹ Fonte: “Acesso à internet deve chegar a 80% dos brasileiros em dois anos, estima ministro”, matéria do *site* [inclusaodigital.gov.br](http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/noticia/acesso-a-internet-deve-chegar-a-80-dos-brasileiros-em-dois-anos-estima-ministro/), do dia 28 de abril de 2008 (<http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/noticia/acesso-a-internet-deve-chegar-a-80-dos-brasileiros-em-dois-anos-estima-ministro/>). Último acesso: 10 de junho de 2008.

¹² “No fundo, todos querem ler sobre si mesmos. Se o autor acha o ponto em que o leitor pode se ver refletido como num espelho, descobre uma maneira de se aproximar do mesmo, de criar um vínculo em comum.” (SCHITTINE, 2004, p. 151.)

nova aura a esse potencial livro impresso, um nobre status que vai além do interesse pela intimidade alheia.

SCHITTINE (2004, p. 167) aponta que “os grandes escritores foram os primeiros a mostrar que o escrito íntimo podia ter uma qualidade se não superior, pelo menos equivalente à da ficção e à do documento”. Assim, por meio de suas anotações pessoais e correspondências, personalidades como Franz Kafka, Anne Frank, Bertold Brecht, Friedrich Nietzsche, Jean-Paul Sartre, Frida Khalo, Graciliano Ramos e tantos outros demonstraram a profundidade e a sutileza presentes nesses escritos íntimos, de diferentes formas.

Ao comparar classificações como as memórias e as autobiografias, SCHITTINE (*op. cit.*) constata que, apesar de inicialmente guardarem cada uma o seu significado preciso, com o tempo foram se modificando, se contaminando, tomando características emprestadas uma da outra, conforme a necessidade ou a conveniência. Acredita que o mesmo tenha ocorrido com o *blog*, para ela misto de romance e estilo factual.

À luz do fato de que as ferramentas que os *blogs* dispõem são amplas e não restringem a um estilo específico de escrita, bem como o fato de que heterogêneo é o público que utiliza essa tecnologia, há diários que tendem a se aproximar mais de um gênero e a se afastar de outro, num jogo de expressão individual e restrição pelo olhar do outro. Mais uma vez, é o que queremos que o outro saiba de nós que está em xeque; e para metamorfosear a narrativa, os diaristas valem-se tanto de saltos quanto de apropriações da história.

Para Schittine, o *blog* não se enquadra sequer na categoria de autobiografia, sem, entretanto, negá-la enquanto origem daquele. E, por mais que se pareçam às vezes com crônicas ou reportagens, o fato é que sempre ocorre a mistura de algo mais factual com o ponto de vista, a história de vida e os sonhos daquele narrador. Para além disso, o diário virtual é rápido e instantâneo.

SCHITTINE (*op. cit.*) encontrou a definição mais próxima para os *blogs* em Barthes: os *biografemas* (presentes em seu livro *Sade, Fourier e Loiola*) seriam pequenos trechos contendo não uma descrição da vida como um todo, mas os detalhes mais relevantes, pois são estes pelos quais o leitor tem maior interesse. A diferença aqui é que Barthes supõe a relação de trabalho minucioso entre biógrafo e biografado, quando na verdade é apenas o diarista quem se encarrega, amadoramente, de registrar o que mais lhe importa de sua vida privada. Como conclui

SCHITTINE (*op. cit.*, p. 229): “É exatamente nessas simplicidades que o leitor vê um pouco de si mesmo e o diarista enxerga que não é tão diferente do Outro quanto pensa.”

3 O PROCESSO DE EDIÇÃO

A etapa de edição de um livro começa na preparação de originais. Essa tarefa não é realizada aleatoriamente; segundo ARAÚJO (1986, p. 33), aqui reside a responsabilidade de “imprimir ao original uma normalização harmônica [...], compatível com a natureza mesma do texto”.

Assim, é de suma importância estabelecermos as comparações entre o processo editorial de um livro de memórias tradicional e o de um diário virtual prestes a se tornar livro.

3.1 Edição das biografias tradicionais

De acordo com BACELLAR (2001, p. 90), os livros que se enquadram no gênero biográfico (de não-ficção), seja o biografado o próprio autor ou não, possuem como objetivo “despertar o interesse por uma história de vida levantando o que há de mais curioso ou extraordinário”.

Nesse sentido, ao contrário do que se passa nos *blogs* (gratuitos, de conteúdo ilimitado e independentes), uma memória que se pretenda livro deve obedecer a algumas regras de estilo. Em primeiro lugar há que saber distinguir a biografia que se destina ao uso pessoal daquela pode ser de interesse coletivo — um produto cultural.

Conforme explica BACELLAR (*op. cit.*, p. 72), esta precisa “envolver com sua narrativa, trazer fatos exóticos à luz”. E isso envolve uma seleção, uma escolha de determinados temas em detrimento de outros, de tons mais opacos. Essa consciência, de certa forma, já existe nos *blogs*, por exemplo, nas narrativas que pretendem destacar o autor (que curiosamente é também narrador e personagem) e sua experiência do mar de outras experiências semelhantes que existem e disputam atenção na blogosfera. Essa é a busca da identidade pela originalidade. A blogosfera não exclui *blogs* cujos temas sejam similares entre si, mas não garante o seu acesso. Já no livro impresso a originalidade torna-se um imperativo para que a publicação seja possível.

Além da originalidade, para Bacellar uma boa trama requer uma escrita mais comprometida com o profissionalismo, ou seja, coesão narrativa (bem como uma cronologia verossímil), personagens bem definidos, ação e diálogos fortes, mesmo que se perca um pouco a veracidade dos detalhes.

Outra recomendação é ser econômico com as palavras. Escolher as palavras certas tem um papel fundamental para a fluidez da narrativa. Além disso, contribuiu para uma melhor focalização do leitor sobre os aspectos mais úteis das situações que o autor pretende ilustrar. Por exemplo, a menção de nomes de pessoas que estiveram em tal ou qual evento e que não possuem qualquer relação ou importância para o contexto que se quer traçar é uma tarefa vã e deve ser evitada. O mesmo se aplica a outros pequenos detalhes e situações, que possuem valor sentimental apenas para o autor e que não contribuem de fato para a continuidade da história. A identificação do assunto com o leitor, assim como no *blog*, é fundamental também na biografia tradicional.

Uma regra estabelecida por BACELLAR (*op. cit.*) é a de evitar a todo custo passagens da história nas quais o autor se mostra vago. A sensação de que se acompanha o passado de outra pessoa de perto depende da precisão e da nitidez das imagens criadas pelo autor através de sua narrativa. Este é um recurso que atrai o leitor e o impele a desvendar o que virá adiante na narrativa. Expressões como “não me lembro bem”, “já faz tanto tempo que nem sei”, “tenho a impressão de que” são assim banidas em favor da clareza, do respeito pelo leitor.

Por outro lado, os detalhes são importantes na medida em que reconstroem os cenários planejados pelo autor. Isso também colabora para uma clareza da narrativa que não abandona o leitor, fornecendo-lhe informações precisas e completas acerca dos assuntos tratados. Tudo para manter o tom o mais verossímil possível.

“Uma biografia precisa concentrar-se no que aconteceu.” (BACELLAR, 2001, p. 75) A seleção dos textos que compõem uma biografia precisa ser objetiva a ponto de não se perder em ruminções e detalhes mínimos. A ação deve ser priorizada, mesmo para propiciar o ritmo certo para a narrativa.

Realismo e honestidade são dois pontos chave para BACELLAR (*op. cit.*). Assim como no *blog*, o autor que pretende criar um vínculo de identificação com seu leitor deve se mostrar tão humano quanto este: “A empatia é despertada pelos defeitos, pela humanidade dos personagens, jamais pela perfeição encarnada.”

Vejamos o que muda ou permanece no caso dos diários virtuais.

3.2 Edição dos diários virtuais

A edição de um diário virtual precisa encontrar uma maneira de posicionar o material prestes a se tornar um livro de forma a diferenciá-lo de seu *blog* de origem. Dessa forma, cria-se a necessidade no consumidor de que apenas aquela página gratuita não é suficiente para ter acesso à obra daquele autor.

Um dado interessante para a nossa prática é que, segundo SCHITTINE (*op. cit.*, p. 25 — grifo nosso), “a leitura [dos *blogs*] é mais imediata do que posterior”. No nosso caso, a intenção é prolongar essa atividade. Ao editar e adaptar o conteúdo do *blog* às páginas de um livro impresso, pode-se criar uma aura em torno daquele produto sob uma nova roupagem.

Neste caso, deve-se tomar cuidado especial e saber diferenciar o que é estilo do diarista e o que representa realmente uma falha, uma redundância, uma imprecisão. Como no meio virtual os usuários possuem uma liberdade muito grande na maneira de se expressar, criando estilos próprios. Cabe lembrar mais uma vez a heterogeneidade de gêneros de *blog* praticados hoje na *internet*, de modo que cada diário virtual será um novo caso de edição, com suas particularidades e desafios próprios.

Seguem, abaixo, os casos pontuais que encontramos durante da editoração do *blog* de Ana Paula Barbi.¹³

Super. Expressão bastante recorrente no decorrer da obra, acompanhando adjetivos, porém de forma distinta a que recomenda o dicionário Houaiss, por exemplo. Em vez de uni-la aos vocábulos com os quais ela se relaciona, para evitar um tom muito formal, optamos por mantê-la assim, destacada, garantindo a jovialidade dessa expressão quase utilizada como parte do vocabulário de um grupo cultural específico ao qual ela pertence. Assim, gírias, abreviações e “palavrões” são permitidas e frequentes (“prq”, “vc” e outras formas de abreviação foram mantidas apenas em diálogos escritos reproduzidos pela autora, como trechos de conversa por MSN. Erros de grafia e outros foram também mantidos em frases reproduzidas pela autora, mas que não tivessem sido escritas por ela).

¹³ Vale o comentário de que a negociação com o autor sobre as partes a serem cortadas, modificadas, acrescentadas etc. no texto é sempre um desafio de paciência e boa vontade, mas, afinal, ambos saem ganhando, editor e autor, por colaborarem entre si em busca de um mesmo objetivo: a qualidade do produto final. No nosso caso, o *blog* (ou melhor, eram *blogs* não simultâneos) de Ana Paula Barbi possuíam uma extensão cronológica de 2004 a 2008. Outra curiosidade é que o nome deste nosso trabalho (*Os melhores dias e os piores meses*) é na verdade o primeiro título que íamos dar ao livro cuja produção é aqui proposta, o *Vacaciones*. Ocorre que a autora acabou mudando de idéia sobre o título durante o processo e não tínhamos mais como alterar o nome do nosso trabalho.

Minúsculas. Notadamente a utilização de minúsculas é recorrente tanto na linguagem geral dos *blogs* quanto nas janelas de conversação como Messengers, fóruns e salas de bate-papo. Entendemos que esse estilo tanto faz parte da linguagem da autora quanto do próprio meio em que o texto foi escrito, de forma que preferimos manter tal característica. As exceções são raras e usadas como destaque para uma idéia, como em “mas agora eu preciso arrumar um novo candidato para a posição de Pessoa Mais Patética do Mundo”. Assim, apenas em casos em que a autora deseja dar alguma importância a um termo, é que se encontra o uso da caixa-alta. (Nomes próprios estão igualmente em caixa-baixa, bem como as siglas.)

Uso de termos estrangeiros. A autora incorpora muitas palavras, expressões e até frases inteiras em língua estrangeira, principalmente o inglês. Não foi usado itálico nesse caso para enfatizar a incorporação desses idiomas na cultura/fala/escrita da autora, assim como do público que ela representa: jovens, usuários da internet, moradores urbanos etc. O itálico, portanto, foi usado pela autora como destaque para certas idéias (como em “eu queria tanto ser uma pessoa *boa*, dessas que se emocionam com trabalho social”), como ênfase, e usado pelo editor em nomes de filmes, publicações etc., no intuito positivo de reforçar a sua identificação ou delimitação no texto. Evitamos formas aportuguesadas como *vodka*, *drinque*, *xampú*: mantiveram-se *vodka*, *drink*, *shampoo*. A própria autora tem tendência de usar palavras estrangeiras, de forma que seria artificial optar por aportuguesamentos, mesmo que já constem no dicionário.

Trechos de música. Letras de música também foram, em sua maioria, mantidas como parte do texto, sem destaque, exceto quando esse destaque é proposital da autora.

A maioria das **referências culturais cruzadas** feitas pela autora são de conhecimento compartilhado com o público a que o texto se destina. Explicar tais referências seria desnecessário, redundante e uma forma de subestimar o leitor. Assim, a ajuda que tivemos com o hipertexto aplicado ao livro (por meio de notas informativas nas margens da página) serviu apenas aos casos que nos pareceram mais propícios, mais imprescindíveis. Isso permitiu dar maior visibilidade ao que realmente importava, a narrativa principal de Ana Paula Barbi.

Há muitas **quebras cronológicas** em sua narrativa, e inclusive “buracos” na história. O leitor não tem todas as suas dúvidas respondidas. Essa é uma consequência do próprio meio de produção do texto; por se tratar de um *blog*, a autora compartilha com seus leitores apenas as informações que ela desejar e estiver pronta para compartilhar (vide entrevista com a autora no apêndice deste trabalho). Além disso, a própria vida de instabilidade da autora, tanto física

(mudanças freqüentes de casas e cidade) quanto mentalmente (oscilações freqüentes e intensas de humor), contribui para a alteração dessa temporalidade. Entretanto, não é algo que compromete substancialmente a qualidade do original.¹⁴

Outro destaque bastante usado pela autora, desta vez com relação à forma do texto, é separar todas as palavras de uma frase por pontos ou hífen, como em “porque eu-tenho-dinheiro”. O negrito é utilizado apenas para datas e aberturas de partes (cidades).

3.3 O livro produzido

O exemplar publicado é parte integrante deste trabalho e encontra-se anexado a este documento.

¹⁴ Principais quebras: da primeira ida de Buenos Aires para Porto Alegre, passa-se cerca de um mês, Ana Paula tem uma briga com a mãe (e isso se supõe e entende-se parcialmente ao longo da leitura dos trechos posteriores) e começa uma fase difícil de independência involuntária. O segundo trecho é o que ela vai para o Rio de Janeiro; não há explicações de como a “personagem” sobreviveu, sem emprego, sem a ajuda da mãe etc.

4 A PRODUÇÃO DO *BLOOK*

Tentamos reunir as informações mais importantes acerca dos aspectos técnicos de produção do livro. Uma amostra das artes da diagramação do miolo e capa encontra-se nos apêndices deste trabalho.

Acreditamos haver encontrado uma solução adequada às nossas necessidades de baixa tiragem por meio da gráfica rápida Tesouro Laser, no Rio de Janeiro. Para saber mais detalhes sobre os custos de produção da mesma, veja a tabela de custos da folha 31.

4.1 Escolhas técnicas

Com relação à diagramação, foram propostos os seguintes atributos e suas respectivas soluções estéticas:

Formato. Achamos redundante alterar o formato “padrão” do livro em busca de referências à página de *internet*. Portanto, foi mantido o tradicional formato 14 x 21 cm. As características eletrônicas são mais intrínsecas ao texto do que ao formato e à diagramação. Além disso, o livro terá 280 páginas, fechando oito cadernos de 32 páginas, um de 16 e outro de 8.

Fonte escolhida. Electra: fonte “tradicional” porém de desenho moderno. Possui exatamente o mesmo conceito do texto de Ana Paula Barbi: literatura basicamente comum, mas com toques de modernidade e referências contemporâneas.

Datas e notas. Para esse fim, foram utilizadas as margens externas das páginas: as datas foram destacadas do bloco de texto para facilitar a organização cronológica na mente do leitor, dando destaque às datas de cada trecho. Inicialmente isso era ainda mais importante por causa dos títulos dos *posts*, mas a autora optou por retirar todos os títulos, por dois motivos: a maioria era em inglês, o que dava um tom artificial e excessivo; e nem todos os *posts* tinham título, o que provocava irregularidade. Os títulos mantidos foram incorporados ao texto, como em “**o rio de janeiro continua lindo**, aquele abraço, blá blá, clichês fazem o mundo girar”. Um trecho da linha inicial de cada *post* foi colocado em destaque, como aqui mostrado, para marcar visualmente o início de cada novo *post*, em virtude dessa eliminação dos títulos.

Com a ocupação das margens externas de cada página pelas datas e notas hipertextuais, procuramos economizar os espaços ainda disponíveis diagramando os cabeços (que possuem o

nome da cidade mais o número da página) na parte inferior da mancha gráfica. Acreditamos que este cabeço é de fundamental importância para a localização do leitor na história. Através do cabeço, tem-se a exata noção de que lugar a autora está falando em determinado momento (no decorrer de seu relato, ela está sempre viajando, “vítima” de sua inconstância), e pode-se aproximar autor e leitor graças à clareza das informações.

Quanto à capa, deve-se dizer que sua relação com forma e conteúdo do miolo é fundamental para a criação de uma identidade para o produto, a sua coesão e coerência. Assim, chegamos à conclusão de que ela não deve ser elegante ou mesmo *clean*: a idéia é de uma montagem do projeto gráfico de forma “tosca”, improvisada, quase artesanal. Busca-se aqui transmitir os atributos de excesso, instabilidade, confusão e contemporaneidade — tudo isso em claro contraste com a simplicidade das caixas de texto.

Como observação, ressaltamos que a capa vista no apêndice deste trabalho é tão-somente uma prévia da capa a ser impressa na gráfica. Uma vez que a empresa trabalha de uma forma diferenciada, não precisamos nos preocupar com questões como tamanho da lombada e sangramento, por exemplo. As instruções da gráfica são as de enviar o arquivo em formato .cdr (Corel Draw); assim que o miolo é impresso, calcula-se a lombada e a capa é então por eles formatada. É um risco que corremos, algo que as editoras de hoje não costumam fazer (em geral a própria editora fecha os arquivos de miolo e capa e já enviam às gráficas em formato .pdf).

Uma última observação: tem-se que um texto de orelha foi produzido para o livro, mas a gráfica que utilizamos não trabalha com capas com orelhas. Assim, deixamos esse texto disponível para consulta nos apêndices deste trabalho.

4.2 Tabela de custos

Os dados a seguir foram extraídos do orçamento enviado via e-mail da gráfica rápida Tesouro Laser, do Rio de Janeiro, de 9 de junho de 2008:

A/C Guilherme,

Orçamento de impressão

Proposta: 1910/2008/RJ-05

Formato: 14 X 21

Papel: Capa Couché 240 g/m² // Miolo Offset 75 g/m²

Cor: Capa 4/0 // Miolo 1/1

Nº de páginas 280

Acabamento: Encadernação Hotmelt

Tiragem: 10

Valor Total: R\$ 180,00

OS: 90443

Prazo de entrega: 72 horas após a aprovação.

Forma de pagamento: 50% de sinal + 50% de contra entrega.

Considerando a tiragem de baixa escala e o prazo de entrega, consideramos essa uma boa escolha de produção para o livro *Vacaciones*. Nossa perda, de fato, foram as orelhas da capa, já que as gráficas rápidas em geral não dispõem desse recurso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que seja de vital importância estudar e compreender os atuais fenômenos midiáticos que se desenrolam na alvorada do século XXI, mas que vêm germinando já há alguns séculos enquanto transformavam-se também os hábitos, os valores, a cultura e economia de nossas sociedades. Sobretudo, é necessária a convergência de meios de comunicação para a proliferação desses gêneros comunicacionais, de maneira que cada vez mais pessoas tomem consciência de sua existência e pensem sobre eles.

No princípio deste trabalho, partimos com o objetivo de contextualizar nossa matéria-prima editorial, o *blog*, enquanto canal midiático inédito da contemporaneidade: gratuito, amplo (ou assim se espera que seja a sua abrangência de usuários) e independente. Espécie de extensão dos tradicionais diários pessoais, os *blogs* são utilizados tanto de forma confessional quanto para a troca de informações mais objetivas factuais. Mas esses estilos se interpenetram.

De fato, a democratização da informação (tanto do acesso quanto de sua produção) proporcionou essa heterogeneidade de formas de expressão e de construções de si próprio, de forma que, na rede, apenas conseguimos distinguir a predominância de um estilo sobre o outro — mas os resquícios continuam em torno, influenciando a escrita que se pretende mais técnica, ou mais factual, ou mais íntima.

Conscientizar-se para esse fato — o de que nenhum *blog* está isento daquela subjetividade própria da vida privada — ajuda os diários virtuais a conquistarem um espaço de aceitação maior. Tantos escritores mantinham diários fantásticos, repletos de poesia e também de um realismo assombroso. Por que o mesmo não poderia ocorrer com um *blog*? Nossa aposta na diarista Ana Paula Barbi, em sua sagacidade, seu tino cômico (ou tragicômico) e a sua profundidade formam o aquilo que percebemos como passível de se tornar um produto para o mercado editorial.

E nada mais atual, aliás. Numa época em que as celebridades sofrem de tal forma com o assédio que já começam a evitá-lo, uma época em que temos essa necessidade insistente de descobrir naquele interessante “outro” um traço de nós mesmos, *blogs* como o de nossa autora, cheios de atitude e originalidade, formam grandes apostas editoriais. O desafio está em como lançar produtos dessas celebridades virtuais no mundo real, já tão saturado de novidades.

REFERÊNCIAS

ALVES, Magda. *Como escrever teses e monografias*: um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro: Campus, 2003. 120 p.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro; Brasília: Nova Fronteira; INL – Instituto Nacional do Livro, 1986. 676 p.

BACELLAR, Laura. *Escreva seu livro*: guia prático de edição e publicação. São Paulo: Mercuryo, 2001. 160 p.

HEWITT, Hugh. *Blog*: entenda a revolução que vai mudar o seu mundo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007. 264 p.

IBGE. Acesso à internet deve chegar a 80% dos brasileiros em dois anos, estima ministro. 28 de abril de 2008. Disponível em: <http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/noticia/acesso-a-internet-deve-chegar-a-80-dos-brasileiros-em-dois-anos-estima-ministro/>. Acesso em: 10 jun. 2008.

_____. IBGE divulga pesquisa sobre acesso à internet. 23 de março de 2007. Disponível em: <http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/noticia/ibge-divulga-pesquisa-sobre-acesso-a-internet/>. Acesso: 10 jun. 2008.

MATOUSEK, Stephania de Albuquerque. *O livro sobre arte*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2007. 94 f.

SCHITTINE, Denise. *Blog*: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 242 p.

SIBILIA, Paula. *O show do eu*: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. [Ainda em fase de prelo.]

APÊNDICE I

Texto de orelha de *Vacaciones*

Morando em pensões, mudando de casa três vezes por mês, trocando de emprego em tempo recorde (e muitas vezes *procurando* um), divagando sobre a vida e as bizarrices que acontecem à sua volta: assim passa Ana Paula a maior parte do tempo. Autodenominada Paulinha, a autora-personagem passa por São Paulo, Uberlândia, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Dublin, Porto Alegre, Curitiba, Goiânia, Pipa, Campinas... aparentemente, porque foi expulsa de casa. Mas, às vezes, ela se pergunta se não gosta mesmo é dessa vida bandida.

As variações de cenário e par romântico nesta história da vida real são tão frequentes quanto as oscilações de humor da personagem. A linguagem, atual, espontânea e de uma acidez e perspicácias deliciosas. Por vezes, Paulinha demonstra uma força invejável. Em outros momentos, ela própria se condena e aponta os inúmeros erros que a afastam de uma vida minimamente comum — crediário de sofá, trabalho, um dia para lavar roupa. A mesma vida que às vezes ela parece desejar e, outras vezes, repelir com violência.

Produzido a partir de textos publicados em seu blog pessoal (que passou por vários endereços eletrônicos), *Vacaciones* conta a história catártica da autora-personagem que se autodescreve como “difícil de lidar”, “mentirosa compulsiva” e “a mesma favelada de sempre” — mas que sem dúvida se destaca, uma antítese à mediocridade. E isso é fácil de perceber: Ana Paula transita da cultura pop a referências mais eruditas com maestria e equilíbrio. O mesmo jogo de cintura, aliás, de quem soube sobreviver pegando carona na estrada e, apenas pouco tempo antes, bebendo Guinness na Irlanda como se não houvesse amanhã. Um desabafo e uma forma de guardar as memórias para si própria, *Vacaciones* apóia-se justamente na instabilidade, naquilo que, ao mesmo tempo, tanto assusta quanto parece libertar.

Ana Paula Barbi, blogueira desde a adolescência, atualmente mantém seu blog pessoal *I blame my parents* e o blog coletivo *Te Dou Um Dado?*, em que comenta sarcasticamente as notícias do mundo das celebridades. Seu currículo vai, literalmente, de professora de inglês a vendedora de planos funerários. Tem 25 anos e mora em Pipa, Rio Grande do Norte — tudo indica que não por muito tempo.

APÊNDICE II**Artes de capa e de miolo de *Vacaciones***

APÊNDICE III

Como conheci Ana Paula Barbi — por Sheila Louzada

A *internet* funciona na base dos *links*. Isso é uma obviedade: você começa em um *site*, dele cai em outro, depois em outro, e assim sucessivamente, até que já não lembra mais onde começou seu trajeto. Isso é ainda mais forte nos *blogs*, *fotologs* e páginas afins. Isso porque o acesso costuma ser rápido; você vê o que interessa, ou vê a última foto postada, e pronto, já pula pra outro endereço do mesmo estilo. Os *blogs* sempre têm, em alguma parte, uma lista de *links* justamente com esse fim: pra você nunca ficar sem ter pra onde ir. Podem ser páginas de amigos, indicações, ambos, tanto faz. Desde a época de boom dos *blogs* (estavam na moda, todo mundo tinha um, e a qualidade, como ainda é hoje, variava de deplorável a genial), o conteúdo é imenso e a capacidade de ver tudo, inexistente. Portanto, indicações são essenciais. E é assim que se vai parar em muitos *sites*. A maioria você vai uma vez e esquece; alguns ficam na memória e, quem sabe, entram para os favoritos.

Ou então você procura alguma coisa no Google; ou então alguém te indica: esse foi o caso. Visitei o *blog* de Ana Paula pela primeira vez alguns anos atrás, por indicação de um amigo. E desde então ele é passagem obrigatória na *internet*. Era só ela mudar de endereço que eu ia atrás. Esse meu amigo acabara caindo no myparentsmademedoit pelo tradicional método clica-aqui-tá-lá. Éramos um pequeno grupo de amigos na faculdade, e ele nos obrigou a visitar o *site* da “menina que estava pedindo dinheiro no *blog* pra ir ver o Weezer”. A história soava divertida: quem é que vai pagar alguma coisa pra uma pessoa que nunca viu na vida, só porque essa pessoa, que mora em outro estado, outra cidade, a quilômetros de distância, escreve umas coisinhas legais e engraçadinhas na internet?

Sim, eu duvidei. Mas depois li com meus próprios olhos: os leitores da Paulinha não apenas pagaram pra ela o ingresso pro show do Weezer, como presente de aniversário sugerido por ela própria, como também ajudaram a pagar o aluguel, a se mudar pra São Paulo... E por quê? Porque o *blog* dela era muito bom, só isso. E pra quem, como ela, vivia praticamente nômade, pulando de pensão em pensão, sem um computador esperando no quarto quando ela chegasse em casa, surpreende a qualidade que ela conseguiu atingir, e a quantidade de pessoas que a acompanha. O que Paulie escrevia era realmente inteligente, divertido e de certa forma diferente dos *blogs* que se costuma visitar. Não diferente de uma forma muito drástica, mas ela se

qualificava: realmente tinha algo a dizer. Realmente as aventuras dela valiam a pena ser contadas. Na época ela morava em uma pensão em Curitiba, tinha um acúmulo enorme tanto de cultura *pop* quanto de uma cultura mais refinada, e aparentemente não tinha vergonha de contar nada, nem suas aventuras sexuais nem seus dramas familiares. As histórias às vezes atingiam tamanho grau de bizarrice que começamos a duvidar da existência dela. Criamos teorias: “a menina do *blog*” (que só depois descobrimos se chamar Ana Paula, ou Paulinha) estava era fazendo ficção cotidiana; na verdade, ela e o amigo freqüentemente citado eram a mesma pessoa, e as histórias eram inventadas (só podiam ser inventadas); ou então, quem sabe, a chave do mistério ainda não tínhamos descoberto...

Meu vocabulário foi incorporando palavras e expressões dela. Minha escrita internética acabou se misturando com o inglês, como ela faz. Os personagens do *blog* dela, seu amigos ou inimigos, chefes ou donos de pensão, e a tão falada mãe, viraram personagens do meu imaginário. Como quando você lê um livro. Mas um livro que dura anos e anos.

APÊNDICE IV

Entrevista com Ana Paula Barbi — 18/05/2008 — por Sheila Louzada

Quantos anos você tinha quando criou seu primeiro blog? Desde então foram quantos?

16. Nem rolava Blogger ainda, eu atualizava na raça uma página chamada Princess Polly (oi, eu tinha dezesseis anos) no HPG (ainda existe HPG?). Quando eu fiz 18 anos mudei para o Weblogger e criei o Eighteen, que não tinha nada a ver com a minha idade, dei esse nome por causa daquela música do Bryan Adams, “18 Til I Die”. Sim, eu gosto de Bryan Adams. Enfim. O Eighteen bombou enquanto eu estava na Irlanda, mas quando voltei para o Brasil desencanei e criei o Narcolepsy no Blogspot. Esse *blog* durou até minha primeira ida para Buenos Aires — no meio da viagem levei um pé na bunda e desencanei de *blog*. Mas quando voltei para São Paulo e comecei a trabalhar no Baú da Felicidade eu *tive* que criar um novo *blog*. Não dava para trabalhar no Baú e não ter *blog*. Daí eu criei o No money, no honey — que durou até minha segunda ida para Buenos Aires. Levei um segundo pé a bunda e desencanei de *blog* de novo. Nisso eu fui embora da Argentina para tomar no cu em Porto Alegre e mais uma vez *tive* que criar um *blog* porque não dá para morar na rua e não ter *blog*. Ok, não cheguei a morar na rua, mas quase. Criei então o I blame my parents, que recebeu esse nome por motivos óbvios. Esse foi o *blog* que mais bombou e o que durou mais tempo. Acho. Tomei um bocado no cu enquanto escrevia nele, passando por Porto Alegre, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Uberlândia, Curitiba e São Paulo. Quando voltei para São Paulo parei de tomar no cu e achei que não precisava de *blog*. Agüentei alguns meses e acabei criando o Defamando, que não vingou. Depois dele veio o Sem Nível, que resistiu por um tempo, até que voltei para o I blame my parents. Ummm... qual foi a pergunta mesmo?

Você também lia *blogs* de outras pessoas?

No começo sim, hoje não tenho mais saco. Nem para *blog* de amigos.

De quais você gostava mais?

No começo, quando *blog* era aquela coisa bem diário mesmo, rolavam meio que umas panelinhas virtuais. Hoje eu não vejo mais isso por aí. Ou vai ver eu que fiquei velha. Enfim, eu lia os *blogs* da minha panelinha.

Quando percebeu que as pessoas gostavam do que você escrevia e voltavam lá pra acompanhar a história da sua vida?

Ummm... acho que quando depositaram meu dinheiro do aluguel e pagaram meu ingresso para ver Weezer no meu aniversário.

Não rola vergonha, medo ou constrangimento de contar certas coisas? O que você *nunca* escreve no *blog*?

Lógico. E são essas as coisas que eu nunca escrevo sobre. Ou respondo perguntas sobre.

Já teve problemas com amigos ou outras pessoas por causa de alguma coisa que escreveu na internet? O que mais deu problema até hoje (no seu *blog* pessoal)?

Não, nunca tive problema nenhum... acho. Não que eu lembre.

Você comenta, em um *post*, que escrever na internet te ajuda a se lembrar das coisas que acontecem contigo. Ajuda em mais alguma coisa? Serve como desabafo, forma de expressão, o quê?

O principal é me ajudar a lembrar das coisas mesmo, mas na época que eu estava bem fodida e largada era a única forma de contato que eu tinha com minha vida normal, sabe? É complicado explicar isso, mas quando você está na merda, é fácil você se acomodar e achar que sua vida sempre foi uma merda e que o seu lugar é na merda mesmo. O *blog* me ajudava a lembrar que não, meu lugar não é na merda.

Você tinha diário quando era mais jovem? Um diário é diferente de um *blog* em que sentido pra você?

Tinha, mas como sou uma pessoa doente, é óbvio que nenhuma palavra no diário era verdade. O meu diário era sobre como eu queria que meu dia tivesse sido. Nada muito fantasioso tipos “Querido diário, hoje ganhei um Grammy” mas, sei lá, “Querido diário, hoje achei dez reais no chão”. Doente.

Costumava, ou ainda costuma, escrever contos/crônicas/etc, além dos relatos pessoais?

Até escrevo, mas sempre acho tudo uma merda e joga fora. Artista perturbada, sabe como é...

Já se arrependeu de alguma coisa que escreveu?

Umm... não. Mas morro de vergonha de ler coisas mais antigas. Eu era dramática por demais.

É tudo verdade ou tem um pouco de ficção?

Infelizmente, é tudo verdade.

E aquela história que você menciona algumas vezes no *blog*, de ser mentirosa compulsiva... é verdade?

Porra, super é. Eu tenho compulsão por mentir detalhes. Se tomei coca-cola, digo que tomei guaraná. Invento alergias, mudo nome de rua onde morei, essas coisas. Não minto sobre as coisas grandes, só as pequenas. Não tenho a menor idéia de por que eu faço isso, mas sempre fui assim. Acho que me dá um certo controle da realidade. Saber que só eu sei como as coisas *realmente* são. Enfim. doente.

APÊNDICE V

Alguns *blogs* lançados como livros no Brasil

AGUIRRE, Ane *et al.* *Blog de papel*. São Paulo: Gênese, 2005. 128 p.

AVERBUCK, Clarah. *Máquina de pinball*. São Paulo: Conrad Livros, 2002. 76 p.

BRUNA SURFISTINHA. *O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa*. São Paulo: Panda Books, 2006. 168 p.

GALERA, Daniel. *Dentes guardados*. Porto Alegre: Livros do Mal, 2001. 88 p.

LOBO, Luiza. *Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 152 p.

PAX, Salam. *O blog de Bagdá: o diário de um jovem numa cidade bombardeada*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. 264 p.

PELLIZZARI, Daniel. *Ovelhas que voam se perdem no céu*. Porto Alegre: Livros do Mal, 2001. 88 p.

TERRON, Joça Reiners. *Hotel Hell*. Porto Alegre: Livros do Mal, 2003. 128 p.

SILVA, Alexandre Soares *et al.* *Wunderblogs.com*. São Paulo: Barracuda, 2004. 300 p.